



PRÁTICAS PATRIMONIALISTAS: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO ENTRE MARX E WEBER PARA ENTENDER A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NO BRASIL

Aline Rozenthal de Souza Cruz¹

RESUMO

O presente artigo reflete um esforço de discussão entre duas distintas linhas teórico-metodológicas, sendo de um lado a materialista histórico-dialética e de outro a de tipo ideal. Essas, embora, amplamente encontradas no pensamento social brasileiro, foram pouco exploradas em suas interconexões na Geografia. Nesse sentido, se acredita aqui que, as referidas linhas exibem complementaridades capazes de fornecer relevantes perspectivas de teoria e método para a interpretação da formação social brasileira, e, principalmente, da forma como ocorre a produção capitalista do espaço urbano no país. Para atingir tais objetivos, se apresenta um panorama bibliográfico a respeito dos referidos temas, ao analisar obras de autores como Marx (2013), Weber (1999, 2009, 2004), Faoro (1993, 2001) e Löwy (2014), bem como artigos conseguidos através de levantamento em periódicos *on-line*. Os resultados encontrados apontam para a existência de um capitalismo politicamente orientado, pleno de práticas patrimonialistas, que aprofundam a alienação espacial e dificultam a superação das contradições e desigualdades.

Palavras-chave: Pensamento social brasileiro; Marxismo weberiano; Patrimonialismo; Formação Social; Produção do espaço urbano.

ABSTRACT

The present paper reflects an effort of discussion between two distinct theoretical-methodological lines, being on the one hand the historical-dialectical materialist and on the other the ideal type. These, although widely found in Brazilian social thought, have been little explored in their interconnections in Geography. In this sense, it is believed here that those lines show complementarities capable of providing relevant perspectives of theory and method for the interpretation of the Brazilian social formation, and, mainly, of the way in which the capitalist production of urban space in the country takes place. To achieve such goals, a bibliographical overview of these themes is presented, analyzing works by authors like Marx (2013), Weber (1999, 2009, 2004), Faoro (1993, 2001) and Löwy (2014), as well as secondary data obtained through a survey on Internet sites. The results found point to the existence of a politically oriented capitalism, full of patrimonial practices, which deepen spatial alienation and difficult to overcome contradictions and inequalities.

Keywords: Brazilian social thought; Weberian Marxism; Patrimonialism; Social Formation; Production of urban space.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (POSGEO-UFF), onde é orientada pelo Professor Doutor Márcio Piñon de Oliveira e é bolsista CAPES. A apresentação desse trabalho contou com o apoio financeiro do POSGEO-UFF. E-mail: alinecruz@live.com.



INTRODUÇÃO

Este artigo nasceu a partir de constantes inquietações quanto a dificuldades teóricas e metodológicas para interpretar um fenômeno que se mostra recorrente na mídia, no âmbito jurídico e no cotidiano das cidades: a corrupção. Sobremaneira, quando nos reportamos a realidade urbana percebemos que a nominada corrupção está presente na construção de infraestruturas, na prestação de serviços públicos, e, em especial, no que inspirou o desenvolvimento da tese de doutoramento² da autora, e, do qual este manuscrito é um desdobramento: as empresas concessionárias de transporte coletivo.

Na tentativa de tentar entender o que motiva e caracteriza tal ato, que abala as estruturas políticas em todas as escalas do poder, buscou-se o pensamento social brasileiro, a fim de encontrar uma possibilidade interpretativa, que fosse além da frugalidade que se encontra em torno do termo corrupção, e apontasse para a relação entre o Estado e a Sociedade historicamente, o conceito de patrimonialismo e as relações sociais de produção do espaço em suas permanências e contradições.

Com isso, quando nos reportamos a história do pensamento social brasileiro, percebemos que esse sofreu influência de duas distintas linhas teórico-metodológicas: de um lado a materialista histórico-dialética, de origem em Karl Marx (1818-1883) e representada por uma vasta gama de intelectuais que o sucederam, como Rosa Luxemburgo (1871-1919), Henri Lefebvre (1901-1991) e David Harvey (1935-); e, de outro, a típico ideal, estruturada por Max Weber (1864-1920), e que foi incorporada ao longo dos anos por muitos cientistas sociais, como Norbert Elias (1897-1990) e Anthony Giddens (1938-). Todavia, é difícil afirmar que haja uma sociologia weberiana assim como o há a marxista ou marxiana. Parte dessa diferença de abrangência se deve a capacidade da doutrina marxista de romper com paradigmas científicos e ideológicos vigentes até então, a exemplo do positivismo, como também de estabelecer as bases para a crítica à economia política.

Entretanto, as referidas linhas, por vezes foram incorporadas de modo a não evidenciar as suas discrepâncias, o que leva a algumas fragilidades em termos de teoria e método, que tentaremos explicitar aqui, mas que de modo algum, deslegitima as contribuições. Entre as obras seminais está uma que influenciou em larga medida a nossa identificação enquanto povo: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1995). Nessa, o capítulo sobre o homem

² A pesquisa para a tese de doutorado, *Os laços invisíveis entre o público e o privado: uma investigação da ordem patrimonialista sobre os modais do sistema de transporte coletivo da cidade do Rio de Janeiro*, ainda está em andamento e tem previsão de conclusão para agosto de 2022.



cordial merece destaque, tendo em vista que a cordialidade significa muito mais do que o “jeitinho brasileiro”, e faz referência à ambiguidade de nossas relações sociais e políticas, ao apontar a convivência do compadrio e da ética trabalhista do Estado burguês. Outro autor importante é Raymundo Faoro (2001), que aprofunda tal discussão ao apresentar no livro *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*, um debate sobre o Estado brasileiro, como sendo patrimonialista e praticando um capitalismo politicamente orientado. Além desses, merece destaque, também, *A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica*, de Florestan Fernandes (2008), e *A imaginação política brasileira: cinco ensaios de história intelectual*, de Wanderley Guilherme dos Santos (2018).

Todavia, cabe questionar por que, aos poucos, os intelectuais brasileiros se afastaram dessa possibilidade de diálogo, mesmo tendo produzido marcantes reflexões sobre o Brasil a partir do chamado marxismo weberiano³? Por qual razão o marxismo weberiano não teve adesão na Geografia, uma ciência que coloca como um dos seus pontos principais de estudo a formação espacial? E, por fim, por que atualmente a ideia de patrimonialismo tem sofrido dura oposição, como no livro de Jessé Souza (2019), *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro?* Na referida obra, o autor se opõe ao pensamento social brasileiro ao afirmar que foi dado um peso grande à dominação patrimonial e deixadas de lado discussões importantes, como a marca da escravidão na formação da sociedade brasileira.

Não negamos que a escravidão fez uma profunda cicatriz na história do país, mas será que o patrimonialismo não caracterizou também o processo? Seria correto invalidar os ensaios sociológicos clássicos como instrumentos para se pensar o país? Ademais, certas afirmações feitas por Souza (2019) podem ser questionadas. O autor ao colocar Gilberto Freyre (2003) como uma das “vacas sagradas” das teorias sobre Brasil e o patrimonialismo, não menciona que esse foi um dos pioneiros a pensar a relação de classes e a escravidão, como na obra *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal*. Todavia, cabe ponderar que o referido livro contém erros interpretativos, como, por exemplo, ao adotar uma perspectiva de amaciamento no trato do senhor branco com seu escravo negro. Além disso, rememora-se a tese de doutoramento de Fernando Henrique Cardoso⁴ (2003), *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do*

³ Termo cunhado por Merleau-Ponty (2006) em 1955 no livro *As aventuras da dialética* e adotado por Michael Löwy (2014) na obra *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*.

⁴ Em sua tese publicada em 1962, a abordagem é declaradamente marxista, com inspiração, principalmente em Marx, Luckács e Sartre. “Entretanto, ao longo da obra, Fernando Henrique utiliza também vários conceitos weberianos, emprestados a *Economia e Sociedade*, tais como ‘estrutura patrimonialista’ ou mesmo ‘sultanismo’ (a versão mais autoritária do patriarcalismo, segundo Weber)” (LÖWY, 2014, p.9).



Rio Grande do Sul, uma vez que nessa se escancara a formação híbrida brasileira, ou seja, demonstra-se a coexistência de diferentes modos de produção, sendo o capitalista, o escravocrata e o feudalista.

E, é por esse ínterim que caminharemos, buscando demonstrar, através do marxismo weberiano, do pensamento social brasileiro e do conceito de patrimonialismo, as potencialidades que o diálogo entre Marx e Weber podem proporcionar as pesquisas em Geografia, sobremaneira no que tange as explicações teóricas e metodológicas acerca das permanências estruturais no modo capitalista de produção. Tais constâncias nas relações sociais e de poder, predominantemente encontradas ao longo de nossa história, são capazes de promover particularidades quanto a forma e ao conteúdo urbanos, que, talvez, ainda não tenham sido devidamente abordados por limites interpretativos relacionados à teoria e ao método.

METODOLOGIA

Num esforço de reflexão sobre as indagações postas, propomos utilizar como metodologia de investigação, principalmente, levantamento bibliográfico em autores como Marx (2013), Weber (1999, 2009, 2004), Faoro (2001) e Löwy (2014), a fim de traçar um panorama acerca das linhas materialista histórico-dialética e de tipo ideal, do pensamento social brasileiro e da (re)produção do espaço. Além disso, foi realizada pesquisa em periódicos *online*, numa tentativa de localizar o que tem sido produzido mais recentemente a respeito do debate aqui proposto.

Em termos de método, nos centramos no materialista histórico-dialético, de modo a incorporar certas características, em especial conceituais, das tipologias de weberianas. Todavia, quando se trabalha com a longa duração, com a análise das permanências, dos resíduos (LEFEBVRE, 1978), é necessário o suporte de um método complementar, que visa expor transdutivamente os acontecimentos: o regressivo-progressivo. Embora, também pensado por Jean-Paul Sartre, é com Henri Lefebvre (1978), no livro *Do rural ao Urbano*, que é aprofundado na perspectiva aqui tratada. Em termos sucintos, o regressivo-progressivo procurar traçar prospectivas a partir do estudo do passado, ou seja, iluminar o hoje através do ontem.

Para tanto, como método de exposição, partiremos de uma caracterização teórica e metodológica de ambas as linhas, adentraremos a análise das obras dos principais expoentes do marxismo weberiano e culminaremos na importância de sua retomada para o entendimento das



relações da ordem distante presentes nas dinâmicas de produção do espaço urbano e formação espacial no país, os quais estão entre os principais objetos de estudo da Geografia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Karl Heinrich Marx⁵ (1818-1883), inspirado pelas ideias de seus antecessores David Ricardo (1772-1823) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), repensou os mecanismos de obtenção do lucro, ao escancarar a exploração do trabalho, e tornou a dialética ideal hegeliana, material, ao valorizar a práxis dos sujeitos sociais. Assim, nasceu o materialismo histórico-dialético. Já Maximilian Karl Emil Weber⁶ (1864-1920), embora se contraponha a Immanuel Kant (1724-1804) em muitos aspectos, é a partir da ideia de *a priori* desse, que desenvolve a noção de tipo ideal. Para Weber (2006), esse método, ao levar em consideração a subjetividade do pesquisador na escolha de certos elementos para o estudo da realidade, torna possível os agrupar em torno de uma tipologia. Portanto, mesmo o ponto de partida sendo subjetivo, as conclusões, através da aplicação do tipo ideal, serão objetivas.

Além das supracitadas distinções de método, igualmente é o propósito de seus estudos, pois enquanto Marx (2013) visava compreender as contradições presentes na relação capital-trabalho e sua inerente alienação, bem como pensar maneiras de superá-las, Weber (1999, 2009, 2004) estava preocupado em produzir uma sociologia da religião. Pelas reflexões a respeito de uma tomada de poder da classe trabalhadora sobre a burguesia e os esforços para pensar um modo de produção socialmente mais justo, Marx (2008, 2013) pode ser considerado um autor utópico. Por outro lado, Weber (1999, 2004, 2009), ao longo de suas obras, acredita que não é possível findar as desigualdades atreladas ao capitalismo, esta seria a condição inexorável da existência humana na sociedade moderna.

Com isso, embora, num primeiro olhar, possa parecer natural em termos teóricos e metodológicos opor o liberal Weber (1999, 2004, 2009) ao comunista Marx (2013), entendemos

⁵ Nasceu na Prússia em 1818, sendo o terceiro de nove irmãos numa família de classe média e origem judaica. Estudou Direito e Filosofia na universidade, quando também conviveu com Hegel. Mudou-se para Paris em 1843, onde escreveu para vários jornais radicais e se tornou amigo de Friedrich Engels, até ser exilado em 1849 e se mudar com a família para Londres. É na capital inglesa, ao ver de perto os horrores da Revolução Industrial, que Marx desenvolve a maior parte de sua obra (NETTO, 2020).

⁶ Alemão, o primeiro de sete filhos, os quais eram constantemente incentivados intelectualmente. Estudou Direito na universidade. Casou-se em 1893 com Marianne Schnitger, quem após seu falecimento, organizou a obra *Economia e Sociedade*. No ano seguinte foi nomeado professor de Economia. Entre 1898 e 1902 foi várias vezes internado em sanatórios. É a partir de 1903, quando começa a trabalhar no Arquivo de Ciências Sociais e Política Social, que desenvolve a maior de seu trabalho. Faleceu em 1920 de gripe espanhola (POLLAK, 1996).



que alguns paralelos podem ser traçados. Dentre esses se destaca que, ambos se pautam em análises históricas, a crítica ao sistema capitalista e a sua busca desenfreada pelo lucro. Segundo Löwy (2014), quem igualmente compactua desses paralelos é Florestan Fernandes, conforme segue:

Hermínio Sachetta, principal líder do PSR, quando resolveu publicar, em sua editora Flama, a *Crítica da Economia Política*, de Marx, pediu ao estudante Florestan Fernandes que traduzisse o livro e redigisse um prefácio. Publicado em 1946, o texto, que teve bastante impacto, é uma ampla exposição do método marxista e se conclui com a seguinte afirmação: ‘Mais do que nunca, este é o momento de Karl Marx nas ciências sociais’. O que é digno de observação, e bastante raro na época, é a tentativa, nesse texto inaugural – em contraste com a vulgata marxista de rejeição do ‘idealista’ Weber – de aproximar Marx e Weber. Segundo Florestan, o método tipológico de Weber vai ‘na direção proposta por Marx’. Por outro lado, Marx antecipou-se, em *O Capital*, às investigações de Max Weber sobre as afinidades da Reforma Protestante com o espírito do capitalismo (LÖWY, 2014, p.7).

Nesse sentido, se torna fundamental e potencial para a perspectiva analítica aqui proposta, buscar um equilíbrio entre “o pessimismo da razão e o otimismo da vontade, da qual falava o filósofo italiano Antonio Gramsci⁷” (LÖWY, contra capa, 2014). Ademais porque, a atual exacerbação e prevalência dos valores de troca sobre os de uso, tornam mais dura a realidade dos fatos, ao aumentarem as desigualdades, e dificultando vislumbrar a ordem distante, a dominação (LIMONAD e LIMA, 2003).

Defendemos que o referido equilíbrio é possível pela análise do espaço através do tempo, pois permitiria ir além das meras formas e escancarar os conteúdos. Teixeira e Frederico (2010), compactuam dessa ideia ao afirmarem que:

Weber não desaprova a interpretação materialista da história, desde que ela não tenha a pretensão de ser uma pesquisa unilateralmente causal e conclusiva. Conclusiva, não! Tal pretensão, diria ele, seria um absurdo uma vez que ‘o fluxo do devir flui incessantemente ao encontro da eternidade’, como assim o diz em *Economia e Sociedade*. Consequentemente, todo conhecimento é, portanto, necessariamente finito, parcial e provável; não é capaz de exaurir a realidade, que é sempre mais complexa e infinitamente mais rica do que qualquer sistema acabado de conceitos. [...]. Feito este reparo, é necessário ainda livrar o materialismo histórico de sua pretensão de reduzir a explicação dos fenômenos sociais e culturais unicamente à sua determinação causal econômica, conforme assim entende Weber. Para ele, a base material, a economia, não é capaz, por si só, de tudo explicar; a dimensão espiritual é fundamental, talvez mais do que a material, para que se possa compreender o curso dos acontecimentos históricos. Ora, se a realidade não pode ser reduzida unicamente à sua dimensão material, tampouco parcialmente à sua dimensão espiritual, não estaria Weber a propor uma ‘síntese’, uma espécie de ‘amálgama’, entre esses dois ‘métodos’, uma vez que, para ele, nenhum dos dois é capaz de, unilateralmente, explicar as determinações causais dos problemas sociais e culturais da humanidade?

⁷ GRAMSCI, Antonio. **Discurso aos anarquistas**. Coleção *L'Ordine Nuovo 1919-1920*, n. 43, pp. 396-401, 3-10 abril 1920. 43. Disponível em: <<http://www.nuovopci.it/classic/gramsci/dianarc.htm>>.



– Parece que sim; mas com a ressalva de que, para ele, são as ideias que determinam a direção do curso dos acontecimentos históricos (TEIXEIRA e FREDERICO, 2010, pp. 137-138).

Assim, acreditamos que, por meio do método regressivo-progressivo, o qual, embora de origem marxista, e, conseqüentemente, pautado na dialética, na totalidade e no todo, quando também agrupado em torno de elementos escolhidos pelo pesquisador⁸, tipos ideais, ganha potencialidades analíticas, sobretudo, quanto aos resíduos, fundamentais a compreensão da formação social e da produção do espaço. Essa forma de olhar, que reconhece a subjetividade do pesquisador, mas busca a cientificidade ao sistematizar na repetição do cotidiano, na reprodução capitalista do espaço de longa duração, os sujeitos, suas práticas e ações recorrentes é o que almejamos atingir.

Merleau-Ponty (2006) compactua com essa perspectiva, ao afirmar que é caminhando através da política, ou melhor da filosofia política do entendimento, que se consegue e deve aliar a história e o espírito⁹. Em suas palavras:

As significações – ou, como diz Weber, os tipos ideais que ele introduz nos fatos – não deverão ser tomadas como chaves da história: são apenas balizas precisas para avaliar a distância entre o que pensamos e o que aconteceu e evidenciar o resto deixado por toda a interpretação. Portanto, cada perspectiva só se põe para preparar outras e só é fundada se ficar estabelecido que é parcial e que o real fica mais além. O saber nunca é categórico; está sempre sujeito a revisões. Nada pode fazer com que sejamos o passado: ele é apenas o espetáculo diante de nós, que precisamos interrogar. As perguntas parte de nós e as respostas, portanto, não esgotam, por princípio, uma realidade histórica que não esperou por elas para existir. Ao contrário, o presente somos nós; para ser, ele espera nosso consentimento ou nossa recusa. [...]. Saber e prática enfrentam a mesma infinidade do real histórico, mas respondem de dois modos opostos: o saber, multiplicando os pontos de vista, por meio de conclusões provisórias, abertas, motivadas, isto é, condicionais; a prática por meio de decisões absolutas, parciais, injustificáveis. [...]. O passado que contemplo foi vivido e, se eu quiser penetrar em sua gênese, não posso ignorar que foi um presente. Pelo simples fato de a ordem do saber não ser a única, não se fechar nela mesma, e ter em si ao menos a lacuna escancarada do presente, a história inteira ainda é ação, e a ação já é história (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 2-3).

⁸ Afinidades eletivas (WEBER, 2006).

⁹ O capitalismo, entendido como impulso para o ganho, para Weber, existiu em diferentes momentos e lugares. Já em sua forma moderna trouxe a novidade da organização racional do trabalho socialmente combinado, isto é, a busca sistemática e a organização racional dos meios para o fim do lucro. Ou seja, o ‘espírito’ do capitalismo moderno, fundamentado na busca planejada do lucro dentro dos moldes da empresa econômica, separada da economia doméstica, é o que fundamenta a organização do modo de produção do capitalismo ocidental moderno. Weber analisa não as atividades econômicas fundamentadas por este ‘espírito’, mas o ângulo da cultura e dos valores desta conduta da vida (FREITAS, 2020).



Entretanto, apesar da afirmação de Michael Löwy (2014) no livro *A jaula de aço: Max Weber e o Marxismo Weberiano*, de que houve uma escola marxista weberiana no Brasil¹⁰, com auge entre as décadas de 1950 e 1970, e que, de certo modo trabalhou a história, a prática e a ação; a partir do final dos anos 1970, com uma maior introdução do marxismo no país, as discussões sobre formação social passaram a se inspirar mais em Louis Althusser e Lênin. Ambos predizem uma concepção estruturalista do processo, ao basearem-se em instâncias, sendo a econômica, a ideológica e a jurídico-política, embora, caiba mencionar que, Lênin tente aliar o conceito de Estado-nação ao debate.

Assim, na geografia, foram essas perspectivas que predominaram em trabalhos, como *Sociedade e espaço: formação social como teoria e como método*, de Milton Santos (1977), e *A Geografia serve para desvendar máscaras sociais*, de Ruy Moreira (1978). Todavia, Moreira (1978), além dessa perspectiva estruturalista, incorpora também, e com certo pioneirismo no Brasil, o conceito de reprodução social, formulado por Lefebvre (1973) no livro *A sobrevivência do Capitalismo*, e fundamental à manutenção da formação social e da produção capitalista do espaço, em especial, do espaço urbano, e onde, atualmente, reside o lócus da acumulação, conforme se discutirá no próximo tópico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao nosso ver, a força com que o marxismo adentrou às discussões dos âmbitos político-partidário e acadêmico no Brasil, sobremaneira, a partir da década de 1970, se deve além de sua capacidade de romper com paradigmas científicos, a algo contextual. Nessa década, o mundo começava a se interconectar mais intensamente, graças ao avanço da urbanização e das redes de comunicação e transporte. Ademais, vivia as tensões da Guerra Fria, e, por isso, uma ruptura ideológica entre o capitalismo e o socialismo, bem como muitos países latino-americanos enfrentavam a repressão devido a implantação de regimes ditatoriais, ligados a uma obscura intervenção norte americana.

Dessarte, a dialética estruturalista foi rapidamente incorporada, talvez sem necessariamente haver uma crítica a tal. Essa viria anos mais tarde, quando são incluídos ao

¹⁰ Essa escola, nascida na Universidade de São Paulo e com centralidade na figura de Florestan Fernandes e seus discípulos, como Fernando Henrique Cardoso (2003) e Francisco Weffort (2013), se pautou em incorporar alguns conceitos weberianos ao método marxista, embora se note, por exemplo, em *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica* (FERNANDES, 2008) elementos característicos da aplicação do método tipológico-ideal (LÖWY, 2014).



marxismo aspectos culturais e a valorização dos sujeitos, em contraposição a uma perspectiva econômica mais dura. Todavia, diferentemente da ideia de produção do espaço, a concepção do conceito de formação social discutida dentro da geografia permaneceu enrijecida, baseando-se ainda na dialética estruturalista, que, ao nosso ver, apresenta a política como algo apartado entre o Estado e a Sociedade. Nesse sentido, nos alinhamos a Merleau-Ponty (2006), conforme segue:

[...] o que Weber estabeleceu de mais certo: se a história tem, não um sentido como o rio, mas sentido, se nos ensina, não uma verdade, mas erros a evitar, se a prática não deduz de uma filosofia dogmática da história, não é superficial fundar uma política na análise do homem político. [...]. Para fazer isso, porém, é preciso essa capacidade de viver a história de que fala Weber, e a verdade em política talvez consista apenas na arte de inventar o que, em seguida, parecerá ser uma exigência dos tempos. A política de Weber precisaria por certo ser elaborada. Não é por acaso que a arte do político se encontre aqui falte acolá. Poderíamos pensar que, mais que uma causa, ela é um sintoma das 'intenções' da história. Podemos tentar ler o presente com mais atenção que Weber leu, perceber 'afinidades eletivas' que lhe escaparam. Mas, o que ele definitivamente mostrou é que uma filosofia da história que não seja um romance histórico não rompe o círculo do saber e da realidade, mas é a meditação sobre esse círculo (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 29).

Portanto, incorporar a política, é perceber essa como um sintoma das intenções da história. Em *Espaço e Política*, Lefebvre (2008) evidencia esse preponderante caráter político, ao entender que as relações sociais de produção, e, conseqüentemente, as contradições espaciais, possuem uma natureza política, ou seja, o espaço é política. Entretanto, o Estado, em conchavo com agentes privados do capital tentam economicamente disfarçar as contradições através da opressão do dinheiro. Em outras palavras, para Lefebvre (2008), pela política não estar apartada, o que prevalece é o poder político quando observamos as práticas espaciais. E, isso, proporciona um instigante diálogo, que pretendemos explorar mediante a elaboração do conceito de práticas patrimonialistas.

Para Weber (1999, 2009) existem três tipos de dominação: a tradicional, a carismática e a racional-burocrática. Essas, ao longo do processo de formação do Estado¹¹ sofrem imbricações, apesar de que com o advento da modernidade, tenda a haver uma predominância da racional-burocrática. Mas, no caso brasileiro, pela ausência de uma revolução burguesa ou

¹¹ O Estado é definido por Weber como “uma relação de dominação do homem sobre o homem, fundada no instrumento da violência legítima” que só pode existir “sob a condição de que os homens dominados se submetam à autoridade continuamente reivindicada pelos dominadores” (WEBER, 2008, p. 57 apud JUNIOR, 2012, p.12). Diferentemente, para Marx, “[...] sendo o Estado moderno um Estado de classe, que exerce uma dominação sobre outra classe, a democracia e a luta política, se expressa entre essas classes como uma luta pela emancipação da classe oprimida. A classe criada pelo modo de produção burguês, o proletariado, luta por sua emancipação, essa só pode se dar pela destruição do Estado burguês” (VENTURINI, 2006, p. 258).



de uma luta social pela independência, certos tradicionalismos mantiveram relativa força (FAORO, 2001). Assim, o patrimonialismo, enquanto um subtipo da dominação de tipo tradicional, juntamente com a gerontocracia e o patriarcalismo, permaneceu como uma característica a ser considerada nos estudos sociais.

O patrimonialismo pode ser entendido, além de uma não separação entre o público e o privado, como advindo de uma mescla entre as heranças do patrimonialismo português e do impacto do capitalismo liberal inglês. Conseqüentemente, para Faoro (1993), o patrimonialismo, além de ser regido por uma racionalidade material, obedece a valores políticos, que não limitam o poder público. Em suma, pode-se afirmar que o capitalismo no Brasil é politicamente orientado, pois “controla, fomenta, estimula e faz da economia um apêndice do poder público” (FAORO, 1993, p.17). Outrossim, aponta que, uma sociedade permeada por essas relações nunca será independente, pois é a política que lhe ditará as condutas. Portanto,

[p]ara que haja o patrimonialismo é necessário que os recursos econômicos e administrativos (em sentido amplo) *dependam* do poder soberano ou do poder público, que atua por meio de concessões, estímulos, subsídios e autorizações. A empresa é, dessa forma, uma iniciativa particular viável por meio da dádiva pública, obtida por meios legais ou ilícitos. [...] O capitalismo, em circunstâncias tais, ou é uma máscara ou é uma aspiração, aspiração que se pretende realizar com a perseguição de uma sombra. Igualmente, o liberalismo, tanto o político quanto o econômico, sofre de ambigüidades crônicas e anemia congênita, como não podia deixar de ser” (FAORO, 1993, p.17).

A partir dessas reflexões, entende-se que é necessário incorporar as tipologias da dominação weberianas ao estudo das dinâmicas de produção do espaço¹² urbano no Brasil, em especial a patrimonialista, uma vez que essa impacta diretamente na maneira como se mantém o poder, o controle e o direcionamento dos investimentos em infraestruturas urbanas e serviços públicos. Isso posto, evidenciar as práticas de cunho patrimonialista e seus reflexos espaciais ao longo do tempo, instrumenta o pesquisador a melhor compreender a totalidade concreta e seus reflexos espaciais.

Ou seja, por meio do desvelamento das práticas patrimonialistas, as quais são capazes de intensificar a alienação espacial, ao promoverem um tipo de capitalismo politicamente orientado (FAORO, 1993, 2001), novas fronteiras teóricas e metodológicas se abrem, fazendo

¹² Conceito elaborado por Henri Lefebvre.



com que seja possível melhor compreender a dominação territorial e os monopólios espaciais¹³, uma vez que essa forma de ação capitalista favorece a concentração e a centralização de capitais, sobremaneira no espaço urbano.

Assim, associar o marxismo de aporte lefevriano ao pensamento weberiano, é avançar teórica e metodologicamente rumo a uma filosofia política da história, é enxergar a relação social, como sendo uma mediação entre sujeitos políticos. Alguns intelectuais podem questionar a possibilidade de uma interlocução entre Weber (1999, 2009, 2004, 2006) e Lefebvre (1973, 1978, 2008), entretanto, pensamos que tipificar as práticas de dominação e espacializá-las, traz relevantes contribuições a concepção de produção do espaço, de formação social e sobre a relação não necessariamente dialética entre as sociedades civil e política.

Complementarmente ao motivo exposto, Lefebvre apresenta uma profunda influência de Merleau-Ponty. Conforme anteriormente mencionado, Merleau-Ponty (2006), ademais a abordagem fenomenológica, apontou as potencialidades do diálogo entre o marxismo e o weberianismo, o que leva a crer que não é somente do ponto de vista fenomenológico, mas também, político e dialético, que o primeiro foi influenciado. Schmid (2012) reforça esse entendimento ao afirmar que “a contribuição dos fenomenólogos franceses Maurice Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, na maioria das vezes, não recebeu a devida consideração [...] para uma apreciação mais completa” da teoria da produção do espaço de Lefebvre (SCHMID, 2012, p.90). Continuando, ainda de acordo com Schmid (2012), em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty, já distingue um espaço físico construído pela percepção, um espaço geométrico conceitualmente compreendido e um espaço vivido. Ou seja, certos elementos para elaboração dos espaços concebido, percebido e vivido, os quais dialeticamente se relacionam na produção do espaço, podem ser encontrados também em Merleau-Ponty (SCHMID, 2012). Ora, se Merleau-Ponty exerceu tal influência na obra de Lefebvre, porque não, também, exerceram suas ideias sobre o marxismo weberiano e a dialética da ação, as quais estão presentes no livro *As aventuras da dialética?* A seguinte passagem encontrada na introdução do livro *Do rural ao urbano* oferece indícios e inquietações de Lefebvre quanto a um conflito entre o pessimismo e o otimismo na interpretação histórica, e conseqüentemente, no que a aplicação do método regressivo-progressivo auxilia a revelar:

Os primeiros textos da recopilação (1949) testemunham uma bonita confiança na História. Ao largo destes 20 anos, esta confiança se atenuou até desaparecer. Sobre este ponto, que não carece de importância ou interesse, o leitor malévolo poderia

¹³ Conceito elaborado por Maria Lais Pereira da Silva (1992) em seu livro “Os transportes coletivos no Rio de Janeiro”. Sua definição versa sobre a reunião dos capitais fundiários, produtivos e espoliativos.



divertir-se às custas do autor (ego), advertindo os sintomas da desilusão, os indícios do fracasso. O leitor benévolo destacará a contradição, que não é exclusiva do autor (ego) entre as comprovações frustradoras e o esforço por manter um otimismo e mostrar um caminho... (LEFEBVRE, 1978, pp.17-18)¹⁴.

Assim, dialogar marxismo e weberianismo para interpretar o Brasil, e no caso no recorte proposto, o espaço urbano, traz novas possibilidades interpretativas para romper com o círculo do saber e da realidade, resgatar o pensamento social brasileiro e incorporá-lo à Geografia. Visamos aqui romper com o círculo, pois nos alinhamos ideologicamente a utopia presente nas concepções de Marx e Lefebvre, e entendemos que urge buscar caminhos teóricos e metodológicos que auxiliem a desvelar as invisibilidades presentes na produção do espaço urbano, e que atinge a maior parte da população brasileira em seus cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns desafios foram encontrados na elaboração deste artigo, assim como têm sido enfrentados ao longo do desenvolvimento da tese. O primeiro a ser elencado é quanto a dificuldade de ler e interpretar Weber, em especial, a sua obra *Economia e Sociedade*, já que essa foi finalizada por sua esposa, e, por vezes, apresenta uma sequência não muito didática das ideias e argumentos.

Em se tratando do pensamento social brasileiro três questões devem ser mencionadas: uma quanto a leitura do alemão dos intelectuais, que apresenta divergências em alguns termos e se reflete em abordagens interpretativas diferentes sobre Weber e o Brasil. A outra quanto a concepção histórica, que demonstra inconsistências, por exemplo, quanto a escravidão indígena e negra. E, a última, a respeito da superficialidade com que foram relacionados os métodos materialista histórico-dialético e de tipo ideal.

A não continuidade do diálogo entre marxismo e weberianismo se deve, talvez, aos atritos ideológicos e metodológicos inerentes, mas que como apontado ao longo deste artigo apresentam também complementaridades potenciais para o estudo da formação social e da produção do espaço do país.

Além disso, pelo marxismo weberiano e o conceito de patrimonialismo estarem atrelados ao pensamento social brasileiro, esses têm sofrido duras críticas nos últimos anos,

¹⁴ Traduzido pela autora a partir do espanhol.



pois seriam uma visão parcial e insuficiente da realidade e da história. Todavia, como apontado pela autora, essas críticas, por vezes, se devem a interpretações equivocadas das obras, bem como ao não entendimento dessas enquanto produções pioneiras de interpretação do Brasil.

Outro fator que reflete na diminuição de estudos sobre marxismo weberiano, perspectivas metodológicas e formação social, é a redução de pesquisas acadêmicas que contemplem a longa duração e as permanências estruturais, em parte, talvez, pela imposição de prazos curtos para elaboração de teses e dissertações, além da precarização do trabalho do pesquisador.

Na geografia, pelas análises das dinâmicas de produção do espaço desconsiderarem as práticas patrimonialistas, preferindo tratar em termos de cooptação do Estado por agentes privados do capital, uma importante faceta da estrutura política brasileira é deixada de lado: a impossibilidade de separação entre o público e o privado, entre a sociedade política e a civil. Isso é impor uma dialética, quando não há. Existe, na verdade, poder político, domínios territoriais e monopólios espaciais em disputa. Isso, se reflete numa dificuldade de definir conceitualmente o Estado Brasileiro. Outra consequência da não conceituação das práticas patrimonialistas é que aspectos relevantes das formas de ação da dominação no espaço são deixados de lado, favorecendo, deste modo, o aprofundamento da obscuridade do espaço concebido, dos valores de troca.

Portanto, urge a necessidade de avanços teóricos e metodológicos para a interpretação do espaço e suas dinâmicas invisibilizadas, que escamoteiam as possibilidades de apropriação social. Aqui apontamos o diálogo entre o materialismo histórico-dialético e o tipo ideal, tendo como ponte o método regressivo-progressivo, o caminho para tal.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização – Volume 2**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2001.

_____, Raymundo. A aventura liberal numa ordem patrimonialista. **Revista USP**. São Paulo, pp. 14-29, 1993.



FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**: Ensaio sobre a interpretação do Brasil. 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FREITAS, Amanda. Weber, A ética protestante e o espírito do capitalismo. **LavraPalavra**, mar. 2020. Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2020/03/17/weber-a-etica-protestante-e-o-espírito-do-capitalismo/>>. Acesso em: 30 set. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed. São Paulo: Global Editora, 2003.

GIDDENS, Antony. **Capitalismo e moderna teoria social**. 6ª ed. Portugal: Editorial Presença, 2005.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.

JÚNIOR, Aristeu Portela. Florestan Fernandes e o conceito de patrimonialismo na compreensão do Brasil. **Revista PLURAL - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 19, pp. 9-27, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano – Antología preparada por Mario Gaviria*. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1978.

_____, Henri. A Re-Produção das Relações de Produção. Porto, Escorpião (1ª parte de La Survie du Capitalisme). Paris: Anthropos, 1973.

_____, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMONAD, Ester; LIMA, Ivaldo Gonçalves de. Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir da obra de Henri Lefebvre. In: **X Encontro Anual da ANPUR**. Belo Horizonte, 2003.

LÖWY, Michael. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Expressão Popular.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política – Livro 1. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



MOREIRA, Ruy. A geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 2008 [1978], pp. 61-80.

NETTO, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

POLLAK, Michael. Max Weber: elementos para uma biografia sociointelectual (parte II). **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v.2, n.2, pp.85-113, 1996.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método**. Boletim Paulista de Geografia, n.54, 1977. Disponível em:
<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1092/0>

SANTOS, Wanderley Guilherme. **A imaginação política brasileira: cinco ensaios de história intelectual**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2018.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 32, pp. 89-109, 2012.

SILVA, Maria Laís Pereira da. **Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro: tensões e conflitos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. **Marx, Weber e o marxismo weberiano**. São Paulo: Cortez editora, 2010.

VENTURINI, Marco Aurélio. Estado e política em Karl Marx. **Revista Mosaico Social**, ano 3, n. 3, pp. 249-263, dez. 2006.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva (Vol. 1)**. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

_____, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva (Vol. 2)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

WEFFORT, Francisco Correia. **Espada, cobiça e fé: as origens do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.